



## O IMAGINÁRIO E A CIDADE DE GOIÁS-GO

### *THE IMAGINARY AND GOIÁS-GO CITY*

**Renata D. Dutra**

Universidade Federal de Goiás (UFG)

[renatadutasdutra28@gmail.com](mailto:renatadutasdutra28@gmail.com)

---

**Resumo:** O presente trabalho, produzido durante os estudos da disciplina *O Imaginário e a cidade* ministrada pela Professora Dr<sup>a</sup> Valéria Cristina Pereira da Silva, tem a intenção de compreender e demonstrar o imaginário da cidade de Goiás. Acerca da cidade, conhecida como berço da cultura goiana, busca-se compreender as sensibilidades do imaginário da cidade e de seu povo assim como a forma com a qual é percebida pelo turista. Ademais, se procura analisar o misticismo enraizado no imaginário da mesma cidade, as lendas e histórias escondidas por trás das histórias tradicionalmente contadas pelos historiadores, a herança cultural ainda transmitida nas escolas e nas famílias. Uma outra Goiás sem privilégio da procissão do fogaréu ou da enchente no rio Vermelho que um dia ali varreu, uma Goiás sob outro olhar.

**Palavras-chave:** Imaginário. Goiás. Cultura. História.

---

**Abstract:** The present work, produced during the studies of the discipline *The Imaginary and the city* taught by Professor Dr<sup>a</sup> Valéria Cristina Pereira da Silva, is intended to understand and demonstrate the imaginary of the city of Goiás. About the city, known as the cradle of Goiás culture, it seeks to understand the sensibilities of the imaginary of the city and its people as well as the way in which it is perceived by tourists. Furthermore, it seeks to analyze the mysticism rooted in the imaginary of the same city, the legends and stories hidden behind the stories traditionally told by historians, the cultural heritage still transmitted in schools and families. Another Goiás without the privilege of the procession of the bonfire or the flood on the Red River that once swept there, one Goiás under another look.

**Keywords:** Imaginary. Goiás. Culture. History.

---

## INTRODUÇÃO

Num mundo onde tudo se tornou mercadoria, torna-se um desafio cada vez maior o de fazer a compreensão dos espaços urbanos por meio da sensibilidade. E é pensando nesse desafio que o presente artigo se propõe a analisar as várias sensibilidades e o misticismo da

cidade de Goiás-GO. O imaginário da cidade é uma cartografia simbólica da memória coletiva, da identidade cultural e de um fazer histórico no espaço/tempo urbano.

Lefebvre (1968), nos leva a refletir que sentir e descrever o que se sente em relação a cidade auxilia na compreensão de quem são seus cidadãos, num mundo generalizador vale a pena preocupar-se com o subjetivo, o interior, o sentimento e a sensibilidade do cidadão. A forma como o cidadão acolhe os discursos da cidade assim como o mesmo cria novos discursos para a essa, a relação homem e meio, pois assim como o meio é fruto do homem o homem é fruto do meio e a ambiguidade dessa relação de criação, de lugares e paisagens se dá por interesses e por necessidades e poderes diversos.

O Fenômeno do sentir não é inerente a história das coisas, ainda mais no que diz respeito a cidade, sua constituição se dá por inúmeros fatores os quais não se divorciam do sentir e ressentir, as conquistas e condenações que a modernidade traz revelam novas angustias e desejos, novos perfis de cidadão, e as histórias das pessoas se cruzam as histórias das cidades.

No que diz respeito a cidade de Goiás o que se nota é um misticismo tocável e indiscutivelmente perceptível tanto para quem ali chega em visita turística, a trabalho, a estudos ou quem ali reside desde o nascimento. São várias Goiás em uma só, e a comum conclusão de existência mística na paisagem formada por morros, serras, pedras e grandes casarões coloniais.

A cidade margeada por serras, morros, um relevo muito denso, pedras minunciosamente carregadas e colocadas pelos escravos, trazendo em cada pedra, cada muro e cada casarão uma ou várias histórias, em sua(as) histórias está o(os) imaginários da cidade de Goiás.

Para Junior (2012) o imaginário da cidade tem como base os elementos espaciais e informacionais, esses compõem o processo de planejamento de mantimento dos patrimônios sociais e ambientais.

## **BREVE HISTÓRIA DA CIDADE DE GOIÁS**

A cidade de Goiás se localiza sob um território que no passado era ocupado pela tribo indígena Goyá, não o local da cidade em si, mas o território o qual faz parte atualmente do município de Goiás (MORAES, 2011). Além destes índios, seu território foi ocupado por

desbravadores com descendência portuguesa ou espanhola que buscavam ouro, entre outras riquezas, afim de explorar as terras, o que ocorreu por volta de 1725.

Tais desbravadores, que se tornaram mineradores posteriormente, e logo mais surgiram os agricultores, levaram consigo suas famílias, e com eles seus escravos. Aos poucos foi se formando a Vila Arraial de Santana que posteriormente passou a se chamar Vila boa e por fim Goiás (originado de Goyá) a cidade de Goiás, repleta de cargas culturais advindas de índios, negros, portugueses e espanhóis,

Fundado pelo Anhangera, o Arraial de Nossa senhora de Sant'Ana foi o primeiro aglomerado urbano do território goiano sendo sua capital até a construção de Goiânia, na década de 1930. Na medida em que crescia, o arraial passou a categoria de vila (Vila Boa) e em seguida, de cidade (cidade de Goiás). (MORAES, 2011, p.25).

Tal convívio, no entanto, não foi inicialmente harmonioso em Goiás, e gerou o extermínio e a violência em relação a maior parte de seus reais nativos os Goyazes.

No centro-sul e nordeste do país, o genocídio foi executado na maior parte pelos bandeirantes. Eles extinguiram vários grupos como os Goyás, os Janduins, os Guarulhos os Araés, os Guaranis-itatim e muitos outros. Os que teimavam em ficar eram “domesticados” e escravizados tal como o povo africano eram utilizados de escravos e serviçais, já os demais forçados a migrar acabavam por forçar outros a se deslocar para outros territórios. (MORAES, 2011, p.29).

Certo então que o processo de apropriação do território que veio a se transformar na cidade de Goiás deu-se em prol da busca por ouro e a exploração das terras, e que esse processo trouxe homens de todas as partes, mas principalmente, de Portugal. Foram mandados escravos africanos, buscaram escravos indígenas e foram trazidos milhares de descendentes de portugueses e espanhóis para o “estado”. E especificamente para a cidade de Goiás o foco inicial era unicamente a exploração do ouro ali abundante até mesmo nos dias atuais.

Ao divulgarem-se as riquezas das minas recém descobertas, acorria sem cessar, gente de todas as partes do país e de Portugal. Pelos registros da capitação, sabemos que dez anos depois, em 1736 já havia nas minas de Goiás 10.263 escravos negros. (MORAES, 2011, p.26).

O processo de apropriação de territórios tem a tendência de trazer a variação de raças/etnias e com essas a variação de culturas, que, a longo prazo, tendem a se fundir gerando uma nova cultura ou novas culturas, essas novas culturas tornam-se condutoras de novas percepções, novos sentimentos em relação ao lugar, a paisagem e a vida naquela

cidade. A constituição histórica de uma dada cidade sem dúvidas faz nascer os sentimentos com os quais o cidadão a concebera, assim como a forma que o mesmo a concebe dita em boa parte os caminhos que a mesma segue.

É preciso fazer um estudo acerca do local foco da pesquisa para que entendamos o contexto no qual se forma a cultura da cidade de Goiás, e assim a compreensão da utilização de certos saberes e costumes populares, A atual cidade de Goiás foi o primeiro aglomerado urbano do estado de Goiás, foi também a primeira capital do mesmo e isso já nos remete a pensar de que o aglomerado de distintas etnias, causa várias junções culturais, possibilitando o nascimento e a fusão de culturas tal como nos diz Claval (2007). Este pensamento remete ao recorte histórico e cultural em conjunto, os quais propiciam a construção de um saber geográfico deste lugar.

A realidade que os geógrafos estudam é sempre aquela de uma cultura particular. Como analisar essa realidade sem considerar seus recortes mais importantes, sem perder o que faz a sua especificidade? Ao desconfiar dos relatórios simples, por serem feitos na óptica do observador, o etnólogo Clifford Geertz (1973) nos dá um norte. O etnólogo e o geógrafo devem praticar a arte da “descrição densa” (thick description). Trata-se da única maneira possível de integrar, pelo menos, algumas das particularidades culturais das populações e dos lugares estudados. (CLAVAL, 2007, p.2).

É de suma importância que ao estudarmos culturas, lugares e os sentimentos das pessoas em relação aos mesmos, nós busquemos encontrar sob quais condições sociais, históricas e regionais essas culturas e esse povo teve origem e quais condições propiciaram sua perpetuação. A questão econômica é forte ditadora e propiciadora de condições nas quais se dá ou se desenvolve uma cultura, ou um aglomerado de pessoas, uma cidade nasce por interesses que geralmente estão ligados a busca por melhorias. Claval (2007) nos remete a ideia de que a falta de poder econômico, acaba por propiciar que os grupos busquem meios aleatórios aos meios convencionais que o dinheiro proporciona, para que sejam encontrados outros meios de resolver problemas, ou mesmo outros meios de educação e até mesmo diversão. Das necessidades do homem é que nascem suas invenções, suas criações e suas relações. Uma cidade está carregada de emoções e interesses e esses formam o imaginário da mesma

De acordo com Moraes (2011), a cidade de Goiás sempre marcada pelo Coronelismo traz consigo ainda grandes traços desse Coronelismo e domínio de famílias tradicionais, a cidade que um dia fora capital do estado segue um ritmo alheio a atual capital (Goiânia) e seu povo acolhedor e amável segue sendo um povo marcado pelas relações afetivas e suas

crendices ainda cheias de misticismos, cheiros, sabores e contos, a paisagem da cidade de Goiás pode facilmente ser vista e sentida

### **O VILABOENSE E AS CRENÇAS REGADAS DE MISTICISMO.**

Sentir-se fascinado por uma cidade é inerente ao querer dos homens, desde que o homem atribui valor ao espaço e aos lugares ele iniciou o processo de afetividade por onde reside ou visita, desde que o homem passou a se “civilizar” e a construir suas primeiras cidades iniciou-se também o imaginário de cada cidade, uma vez que, esse imaginário caminha não apenas com as construções arquitetônicas, praças, casas, muralhas, palácios, posteriormente prédios, entre outros, o imaginário liga-se a paisagem, ao lugar e ao povo, ao sentimento do cidadão, a relação com a crença e a divindade.

As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. Nessa aurora do tempo, milênios atrás, elas lá estavam, demarcando um traçado, em formato quadrado ou circular; definindo um espaço construído e organizado, logo tornado icônico do urbano — torres, muralhas, edifícios públicos, praças, mercados, templos; a exibir sociabilidades complexas e inusitadas na aglomeração populacional que abrigavam; a ostentar a presença de um poder regulador da vida e de outro ordenador do além, na transcendência do divino. (PESAVENTO, 2007, p.11).

Ao falar-se no cidadão vilaboense é comum ouvir de turistas, que em geral se tratam de pessoas simples e muito acolhedoras, que a cidade propicia um ar de tranquilidade e conforto rustico aos que ali se dispõem a conhecer. Os que ali residem possuem um eterno ar de tranquilidade e calma. Há ainda espiritualistas que comentam um ar pesado na cidade, acusam sentir ali a presença dos milhares de espíritos sofredores desencarnados (negros escravos, mineiros, famílias tradicionais com rivalidade seculares e mortes encomendadas, etc), o fato é que comumente é dito que a “áurea” da cidade é diferente.

Há uma magia na antiga Vila boa, o seu imaginário formado por uma cartografia simbólica faz nascer sua identidade cultural, histórica no espaço e no tempo, suas paisagens naturais e antrópicas formam o imaginário local, o imaginário da cidade de Goiás.

Ao contrário da atual capital (Goiânia) que segundo Silva (2013) tem sua paisagem marcada pelo tempo cronológico, que realça também o simbolismo de modernidade e que substitui os sinos das cidades clássicas, a cidade de Goiás parece se perder no tempo, as originalidades das badaladas dos sinos trazem significados não convencionais como o simples marcar das horas. O sino da Igreja São Francisco de Assis localizada na principal rua da

cidade, só balada em sinal de luto, três batidas em tom agudo significam o falecimento de uma mulher, duas batidas num tom grave e forte significam o falecimento de um homem. A cidade parece calar para ouvir o aviso do sino e a nota de falecimento logo se espalha.



Figura 01: Igreja São Francisco de Assis. Fonte: Renata Dias Dutra (2013)

Os sinos da cidade de Goiás são uma de suas várias marcas, uma das sensibilidades que se aguçam tanto nos que ali residem quanto nos que a visitam, as 18 horas da tarde todos os sinos orquestram uma sinfonia, e residentes e turistas sentam-se na praça do Coreto para ouvir o som que anuncia o crepúsculo na antiga Vila boa.

A cidade de Goiás, se expressa não apenas por sua história econômica, mas por suas ruas, casas, povo, versos e sabores. Lar de talentosas artistas, Cora Coralina e Goiandira do Couto pintaram e escreveram seus imaginários da cidade

A seguir um trecho de *Minha cidade*, poema da poetiza Cora Coralina, trazendo consigo um pouco do sentimento da poetiza em relação a cidade, sentimento propagado em seus livros conhecidos em todo o Estado de Goiás e por boa parte do Brasil, Cora faz parte do imaginário da cidade de Goiás e Goiás faz parte do imaginário de Cora.

Goiás, minha cidade..  
Eu sou aquela amorosa  
De tuas ruas estreitas  
Curtas, indecisas.  
Entrando, saindo,  
Uma das outras.  
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.

Eu sou aninha.  
(Cora Coralina, 1965)

Nas palavras de Cora o verbal e o visual se unem dialogando com a paisagem vista e sentida da antiga Vila Boa, nesse sentido a cidade de Goiás é pintada em retratos imaginários de histórias e de memórias, nos quadros de Goiandira, nos poemas de Cora e nas narrativas populares, as crendices místicas.

O visual une-se ao verbal na grafia infinita da paisagem urbana; toda cidade, por singela que seja, pode contar histórias! Pintar retratos simbólicos através dos seus monumentos e multiplicá-los em narrativas sempre abertas a novas interpretações, novos diálogos, novas formas de habitar e contemplar. Uma paisagem, como um texto, precisa ser habitada para ser compreendida. Habitar uma paisagem é habitar, de algum modo, uma forma de linguagem, assim como, habitar um texto é vivenciar os seus sentidos possíveis. (JUNIOR, 2013, p.02).

Habitar o imaginário de Goiás é mergulhar em suas histórias, seus sentimentos, crendices, saberes populares. Cada monumento da cidade possui a história narrada nos livros por historiadores assim como as histórias populares, lendas, narradas oralmente de pais para filhos.

A Catedral de Sant'Ana, localizada na praça principal da cidade de Goiás, popularmente conhecida como praça do Coreto, faz parte dos contos populares dali, reformada e reconstruída diversas vezes, a crendice popular diz que há uma praga lançada sobre a mesma igreja e que por isso sua reforma nunca deve terminar, se a reforma for encerrada a igreja torna a desabar e por isso ela é mantida sempre inacabada, é possível notar olhando-a pessoalmente ou em fotos que o topo, e a parte de trás da igreja não possuem reboco e que de fato de trata de uma obra inacabada.

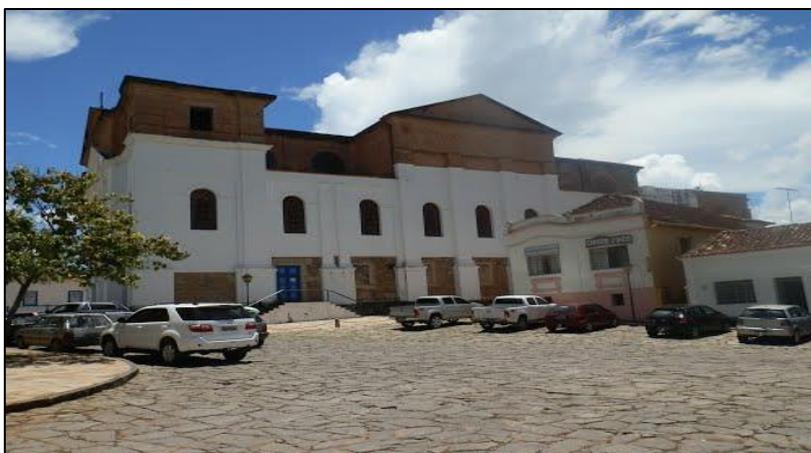


Figura 02: Catedral de Sant'Ana. Fonte: Renata Dias Dutra, 2016.

Boa parte do povo acredita na lenda contada sobre a praga de um Padre expulso sobre a Catedral, nas escolas essa narrativa é contada, assim como outras lendas locais, a cultura do cidadão vilaboense permanece sendo transmitida de uns para os outros. A afetividade e o imaginário estão por todos os lados e em todos os olhos.

A tradicional procissão do Fogaréu conhecida em todo o país, não traz consigo o valor imaginário que a procissão das almas traz para o cidadão vilaboense, essa procissão se trata de mais uma das lendas comumente conhecidas apenas pelos ali residentes. Pois na credence se trata de uma procissão vista por poucos, por se tratar de uma procissão de almas rumo a seus destinos (para onde vão os mortos), a procissão partiria das proximidades da igreja do Rosário e seguiria pela rua do Fórum até o largo da Carioca. A seguir foto mostrando a principal rua do trajeto da procissão das almas, onde na lenda uma alma entregou um osso para uma velha senhora na janela.



Figura 03: Rua da lateral da igreja do Rosário. Fonte: Renata Dias Dutra. (2016)

Segundo Junior (2012) a cidade figura-se como o lugar privilegiado, onde ficção e realidade tornam-se uma. E para que essa união seja compreendida nenhuma deve ser desvalorizada, a ficção da cidade de Goiás faz parte de seu povo e sua constituição.

A interpretação das imagens do espaço, se aproximam de uma idealização, de uma representação que só se manifestaria como imaginário da cidade. Os monumentos, as paisagens e os patrimônio históricos arquitetônicos, sensíveis, histórias horais servem bem a esse propósito de constituição de um imaginário social.

De fato o valor de uma cidade é o que lhe é atribuído por toda a comunidade e se, em alguns casos, este é atribuído apenas por uma elite de estudiosos, é claro que estes agem no interesse de toda a comunidade, porquanto sabem que o que hoje é ciência de poucos, será amanhã cultura de todos. (ARGAN, 2005, p.228).

Conceber os monumentos e a história dos mesmos assim como a história da paisagem e forma como esta é concebida é um ato de atribuir e compreender os valores encontrados na cidade, a memória viva faz parte da identidade do cidadão e da cidade, a cidade pode e deve ser compreendida não apenas como instituição da sociedade, mas também como uma obra de arte palpável ou não, e sobre tudo mutável.

A história e a concepção dos monumentos como elementos espaciais de re-ligação da memória afetiva de uma sociedade atribuem valores e significados para a cidade. Este caráter de “memória viva” pode ser expandido para toda a cidade como função antropológica de identidade da comunidade com o seu lugar. A cidade pode ser entendida como uma instituição social na mesma medida em que é uma obra de arte. (JUNIOR, 2012, p.02).

A paisagem é percepção dos sentidos, a captação do sentir, perceber a realidade tanto de forma imediata quanto em sua profundidade, os significados se acumulam na estampa e no âmago da paisagem e desse contato com a paisagem nasce uma literatura urbana e assim a paisagem urbana se torna um texto.

A paisagem urbana é o ponto de intersecção dos sentidos que nos permite captar, perceber uma realidade, tanto imediata quanto profunda, geradora de imagens que vão se tornando mais densas no seu conteúdo à medida que o tempo passa. Os significados são sedimentos que vão se acumulando nesta paisagem. Do contato com a paisagem surge uma literatura urbana em forma de poesia, crônica ou romance. A paisagem urbana é texto capaz de gerar outros textos. Literatura e tempo, espaço e memória, cidade e imaginário, paisagem e monumento, retratos urbanos, tudo se conecta a tudo numa teia interpretativa infinita, mas com conexões visíveis, fios possíveis de gerar uma escrita, culminar em outra leitura. (SILVA, 2013, p.17).

Cada cidade descreve um ou vários textos a serem decodificados ou seria melhor senti-los? Absorve-los?

Claval (2007) diz que a forma com a qual concebemos um lugar ou paisagem depende não apenas dos fatores que o constituem o que se sente, depende também em outras palavras da forma como o observador se relacionará com o lugar ou paisagem naquele

momento, a forma como está o seu estado de espírito, o seu humor por assim dizer. Utilizando a lógica de Claval podemos pensar que as percepções do imaginário de uma cidade dependem da afetividade do sentimento dos que ali residem em suas várias facetas e necessidades assim como da visão de quem a visita e a percebe através de uma análise diferente.

A poesia e a história que a cidade vende auxilia na propagação de seu imaginário, no aguçamento das sensibilidades, a cidade de Goiás sempre tratada com amor por seus artistas e pelos artistas visitantes, propaga a sensibilidade do vilaboense e a paisagem descrita e percebida pelos mesmos. No centenário aniversário da poetiza Cora Coralina (mesmo que já falecida) recebeu um grande evento na cidade com participação de vários midiáticos, ficou então conhecida uma música do cantor Zeca Baleiro em homenagem a Cora Coralina e a cidade de Goiás.

“ [...] Minha cora minha coralina  
mais que um Goiás de amor carrego  
destino de violeiro cego...”  
(ZECA BALEIRO, 2005.)

Essa música cantada em todos os estados certamente não possui para outros cidadãos o mesmo valor que para os cidadãos da cidade de Goiás.

A nostalgia é um sentimento forte na Vila boa, com um alto número de idosos e famílias tradicionais a nostalgia é inerente ao querer de quem ali tem sua história intercruzada a da cidade. As paisagens, lugares, obras arquitetônicas e a cidade num todo cresceu, sem o devido planejamento urbano, o tempo e a necessidade foram os principais escultores da paisagem percebida e sentida.

A renovação urbana acontece em Goiás assim como acontece em qualquer outra cidade, essa renovação é um processo que não se pode deter, mas pode ser retardada, como tem acontecido, o novo chega mas não se apossa completamente de nossa Vila Boa, a paisagem de cidade Clássica é cuidadosamente mantida e a impressão de viagem no tempo é ainda uma das primeiras percepções do turista que ali chega, o imaginário místico de Goiás permanece fluente entre seus moradores e facilmente percebido por seus visitantes.

Os hábitos são cuidadosamente mantidos, como o de chupar picolé de cajazinho na praça do coreto nos fins de tarde, ir à missa aos domingos, levar as crianças para brincar na praça aos sábados à tarde ou se banhar na carioca em dias quentes ou ainda ver o pôr do sol na igreja Santa Barbara.



Figura 04: Praça do Coreto e picolé de cajazinho. Fonte: Renata Dutra.

A foto retrata um dos vários costumes dos vilaboenses, costume que compartilham com turistas e que faz parte das memórias da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O valor da cidade, atribuído pela comunidade local e por seus visitantes Ihe são causadas impressões, as histórias e as concepções são dadas através de sua paisagem, seus monumentos e suas crendices, o imaginário de uma cidade é formado pelo cidadão e o cidadão é inegavelmente tocado e moldado por esse imaginário. A influência do homem ao meio e do meio ao homem não é divorciável.

As memórias coletiva e individual são essenciais na criação da identidade da cidade e de seu cidadão, a identidade cultural da cidade está estreitamente ligada a seu imaginário, seus sentimentos e percepções.

O imaginário de Goiás está em sua história, suas crenças, suas paisagens e seus gostos, está no vilaboense e na percepção do visitante que se relaciona com o vilaboense. Goiás é marcada por sua áurea mística, seu povo acolhedor, seus monumentos e suas lendas locais. Assim como o badalar dos sinos traz percepções diversas sobre os finais de tarde na antiga vila boa, a leitura do espaço que se afetiva para vilaboenses e visitantes depende das relações que os mesmos tem ao construir suas leituras acerca da cidade. As histórias dos monumentos se inter cruzam com a forma com que todos percebem a cidade, a lenda da igreja que não pode ser finalizada se expressa em um suntuoso monumento onde o inacabado é quem dá um toque final a paisagem e diversos questionamentos nossos olhares e imaginários que por ali passam.

## REFERENCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: UFSC, 2007
- CORALINA, Cora. Minha cidade. **Sirena: poesia, arte y critica**, 1965.
- JUNIOR, Givaldo. **Espaços da memória: um estudo da poética dos monumentos urbanos**. UERJ Rio de Janeiro 2013.
- JUNIOR, Joc. **O Imaginário da Cidade como Patrimônio Socioambiental e a Globalização**. 2012.
- LEFEBVRE, H. [1968] 2008. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro.
- MORAES, Sandro de Brito. **Redescobrimo a história de Goiás**. Goiania-Go: Kelps, 2011
- PESAVENTO, Sandra Jatay. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: UFRGS. 2007.
- SILVA, Valéria. GOIÂNIA - UM MOSAICO IMAGINÁRIO: MODERNIDADES E MICROTEMPO-TERRITORIALIDADES. **Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial**, p.6-25, 2013.
- ZECA BALEIRO. **Meu Amor, Minha Flor, Minha Menina. Baladas do Asfalto e outros blues**. Rio de Janeiro, The Orchard Music, 2005.

### **SOBRE A AUTORA**

#### **Renata Dias Dutra**

Licenciada em Geografia plena pela Universidade Estadual de Goiás, unidade da cidade de Goiás-GO. Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal de Goiás. Campus cidade de Goiás. Mestra em Geografia na linha de pesquisa Dinâmica Socioespacial pelo PPGeo-IESA, da Universidade Federal de Goiás, Campus Samambaia em Goiânia-Go (IESA). Foi Bolsista CNPq.

**Endereço para acessar este CV:** <http://lattes.cnpq.br/7985298908516308>

**Recebido em outubro de 2019.**  
**Aceito para publicação em janeiro de 2019.**  
**Publicado em março de 2020.**